



Organizadores:

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda
Luiz Antônio Araújo Gonçalves
Antônio Jerfson Lins de Freitas



**Trajetórias de pesquisadores e
os estudos das cidades médias
em perspectiva**



Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT



Virginia Celia Cavalcante de Holanda é graduada e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa Dinâmica urbana e regional junto ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde desenvolveu pesquisa: “O Papel da Interiorização do Ensino Superior no espaço Urbano e Regional das cidades médias do Nordeste Brasileiro”. Bolsista Produtividade em Pesquisa da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), para o período de novembro de 2020 a novembro de 2022.



Luiz Antônio Araújo Gonçalves é bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, mestre e doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGeo/UECE. Realiza Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa - Natureza, campo e cidade no semiárido junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi Coordenador adjunto do Mestrado Acadêmico em Geografia - MAG/UVA e Pró-Reitor de Extensão e Cultura da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Atualmente é Professor Adjunto dos Cursos de Geografia (Bach. e Licenc.) e do MAG/UVA.



Antônio Jerfson Lins de Freitas é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2007) e em História – Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2004). Técnico em telecomunicações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE, atual IFCE). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2019). Cursa segunda licenciatura em Geografia pela Faculdade Estácio do Ceará. Atualmente coordena o conselho editorial da Editora SertãoCult.

Organizadores:

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva



Sobral-CE

2022



Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva

© 2022 copyright by Virginia Célia Cavalcante de Holanda; Luiz Antônio Araújo Gonçalves; Antônio Jerfson Lins de Freitas. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de Geografia

Alberto Pereira Lopes
Carlos Alberto de Vasconcelos
Iapony Rodrigues Galvão
Otávio José Lemos Costa
Paulo Rogério de Freitas Silva
Sandra Líliliana Mansilla
Telma Bessa Sales
Wendel Henrique Baumgartner

Revisão

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação

João Batista Rodrigues Neto

Capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolph Lima da Silva - CRB3/967



T768 Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva. / Organizado por Virginia Célia Cavalcante de Holanda, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Antônio Jerfson Lins de Freitas. – Sobral-CE: Sertão Cult, 2022.

262p.

Série Território Científico, v.02.
ISBN: 978-85-67960-88-3 - papel
ISBN : 978-85-67960-89-0 - e-book em pdf
Doi: 10.35260/67960890-2022

1. Geografia urbana. 2. Cidade Média. 3. Território e Pesquisadores. I. Holanda, Virginia Célia Cavalcante de. II. Gonçalves, Luiz Antônio Araújo. III. Freitas, Antônio Jerfson Lins de. IV. Título.

CDD 910.130776



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Prefácio

Prefácio? E o que é um prefácio? Fiz e refiz muitas vezes essa indagação. Homenagens? *Bah!* Sobreviver tem sido o lema na pandemia. Esta indagação levou a várias considerações e reafirma a nossa forma de sobreviventes no percurso. Devemos todos receber as maiores homenagens possíveis. E todos sabem o porquê.

Nos dicionários, prefácio é um dito antes (*fatio-prae*), texto que precede a obra, introdutório, curto, com o intuito de preparar o leitor para o que encontrará e com o que se deleitará. É uma escolha. Aqui ele será pelos autores, entrevistados e entrevistadores, principalmente pela afirmação do compromisso com o conhecimento vivo e diverso na compreensão da cidade no urbano e do urbano na cidade.

Ainda na significação do prefácio, diz-se que *utilizá-lo é para tentar seduzir à leitura*, o que torna uma oportunidade de ler o *Trajatórias* como continuidade de um trabalho de longa duração, expressa em agenda do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas e das atividades do *Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB)* no Mestrado em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), levado adiante no ano de 2020 e realizado através de plataforma digital, gravado e transformado em forma de livro. Esta é uma experiência coletiva extraordinária.

Da feitura do *Trajatórias*, depreende-se como a precarização da atividade acadêmica revela os ufanismos no tempo pandêmico: “os professores precisam se reinventar”, “os professores precisam se adequar para ensinar por meios virtuais”. A produção coletiva, aliada à potência da imagem viva (e falada) com os minutos de fama da *Web*, redefiniu a agenda e a continuidade das trajetórias se fez em exame.

Não obstante, as condições necessárias e indispensáveis para o uso de tecnologias nas pesquisas e no ensino são sempre admiradas e com capilaridade variada nas instituições educacionais. A capacidade dos sujeitos do conhecimento diante das adversidades e a empatia perante as relações docente-discente e nas tarefas orientador-orientando conduziu todos nós a uma reprodução ampliada do conhecimento, com a criação de canais de *Web*, *lives*, jornadas, conversas, entrevistas, defesas e muita divulgação científica, como esta aqui, se multiplicando num turbilhão incoerente.

E tais encontros virtuais já se realizam há muito tempo (ao menos há 15 anos), em exames de qualificações, defesas de mestrado e doutorado e orientações. Nesse período, as experiências da Universidade Aberta do Brasil (UAB) contribuíram para a implantação de cursos de graduação à distância, sobretudo de Matemática, Pedagogia e Letras. Muitos dos recursos foram aprimorados nessa experiência de UAB. As plataformas abertas *Moodle* e *Sigaa* demonstram funcionalidades que carecem de ajustes.

Com isso, os abusos do uso de recursos tecnológicos e a fragilidade das políticas educacionais de tecnologia para ampliação de recursos humanos qualificados e para preparação de equipamentos de qualidade não abalaram os esforços da grande maioria dos colegas professores em aulas, palestras, defesas e debates. Afinal, o uso de plataformas digitais tem sido o *mister* dos docentes e pesquisadores antes e durante o ano de isolamento em 2020.

De sorte que poderia dizer: conheço essa turma. Quer dizer, conheço a maioria dos entrevistados e entrevistadores. E conheço por estar convivendo na mesma temporalidade e por fazer parte de uma geração de professores de Geografia que entendeu ser partícipe em contribuir para estruturar o ensino de pós-graduação e a pesquisa no país, atendendo ao chamado dos órgãos de fomento, sobretudo Capes e CNPq e as agências estaduais de pesquisas. As entrevistas, realizadas entre maio e novembro de 2020, chegam-nos em forma de texto e reforçam os seus conteúdos e objetivos sobre si como sujeito e sobre os objetos de pesquisa.

Alguns conheço *mais de perto*, dos tempos da graduação na Universidade Estadual do Ceará (UECE) ou da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), ou ainda, por ocasião do mestrado ou do doutorado nas décadas de 1980-90. Com uma delas cheguei até a casar e, na *pequenina* Paraíba, criar

raízes. Sim! Como esquecer as paixões do conhecimento? Como esquecer os ânimos exaltados e os momentos tensos de debates de pesquisa, das contradições, das vontades e onde o inesperado causa uma surpresa?

Não pude deixar de notar - e anotar - que duas das entrevistadas compuseram a minha banca de doutoramento. O que posso dizer hoje é que fazemos pesquisa até ontem. Com uma delas, em especial, aprendemos a luta política e institucional da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), para “promover e estimular o estudo da geografia”, *uma* das finalidades da AGB. E bem que se diga que a grande maioria presente no *Trajétórias* foi ou está envolvida com esta cachaça chamada AGB, uma espécie de *cruzada agebeana de difusão da geografia*.

Sem pesquisa de campo não se pode falar. Assim, nos aparece uma referência ao Maoísmo da Geografia Francesa, quando se recorda a ambiência da experiência de formação. Este conteúdo exposto no *Trajétórias*, a dinâmica do debate e de seus resultados, pode ser visto tanto como um diálogo sobre a educação intuitiva e inconsciente da comunicação dos sentidos, como uma linguagem estética aprendida pelo estado de exceção pandêmico. E, sem dúvida, como uma riqueza de depoimentos para o estudo das cidades e do urbano. Estar presente no *Trajétórias* é dividir o pano, as varandas e os punhos dessas redes de estudos sobre a cidade e sobre o urbano, partícipe na construção da pesquisa colaborativa.

Certamente poderia qualificar tais trajetórias no âmbito da História da Educação e num amplo campo configurado como práticas escolares. Entrevistas de ou sobre trajetórias nos fornecem rico material de pesquisa para as práticas escolares e são sínteses dos modelos de formação de professores nas instituições às quais estão vinculados. É dessa maneira que as práticas escolares são renovadas; seja pelas trocas de experiências internas aos grupos de pesquisa, seja pela investigação dos conhecimentos. No aspecto geracional, corresponde às *trocas de figurinhas*, que são as conversas, as derivas nos cafés, nas aulas; nas indicações e sugestões de temas, nas orientações, ajustes e desencontros que se operam na intersubjetividade, entre lares (ou hotéis) e bares.

A exposição das trajetórias de pesquisa, em todos os depoimentos, sem exceção, nos mostra que a prática da Geografia tem sido a formação

de professores; de que “*a prática do geógrafo tem sido o ensino de geografia*”. E, em que pese uma ou outra interpretação em relação aos conceitos e categorias das Ciências da Educação, todos são ou estão envolvidos com currículos, programas, conteúdos, avaliações etc. Tomar contato e adentrar nas experiências de cada um através dos relatos da institucionalidade da pesquisa e da formação profissional, dos entraves da instituição e do ensino é ver e olhar o entusiasmo, o contexto e a atuação em seus respectivos anos de formação. E, como síntese, os resultados: capacidade de auto-organização e condições de trabalho.

Isto posto, os percursos revelados pelos colegas entrevistados se encaixam, como disse, na História da Educação e nas práticas escolares. As dimensões práticas da convivência das pesquisas dos grupos e das pesquisas individuais nos cursos de graduação e pós comportam formas variadas de convivência, pois carregam as contradições das instituições. Portanto, fixá-la na dimensão da história e da educação nos permite sustentar que as pesquisas levadas a cabo pelos grupos aqui expostos é o estudo da cidade e do urbano como um tema subjacente ao trabalho docente com a dupla finalidade: deleitar e ensinar, tão afeitas à poesia homérica.

A despeito disso, revelam a compreensão diversificada das temáticas e a relevância do assunto, seja por amor lefebvriano (ou legoffiano) às cidades, seja por viver suas plenitudes. Agradável constatar, de soslaio, nas trajetórias, a hipótese de que o trabalho coletivo induz suplantando os provincianismos diante da monumentalidade cidadina. Os relatos são repletos da própria história do crescimento e expansão do trabalho da ReCiMe e dos grupos de pesquisa que o transitam, o que certamente se poderia escrever um quase-tratado.

Neste caso aqui, o recorte com tesoura e tesouradas da leitura se deu através das experiências individuais e educativas que nos contam sobre suas preferências, aportes teóricos e posturas profissionais e, sobejamente, sobre parte expressiva da Geografia Urbana brasileira nos últimos 40 anos.

Por fim, não é exagero dizer que provocar o leitor com leituras críticas do *Trajétórias* é um tanto fora de propósito. Em cada uma das trajetórias, um ou mais métodos de pesquisa, uma ou mais abordagens teóricas da ciência e da educação são expostos e refeitos. Por óbvio, muitas das ques-

tões colocadas são autoexplicativas para a análise do Brasil urbano. E, como tais, são lideranças acadêmicas exercidas por mulheres (ao menos na ReCiMe) que são as mais capacitadas e aquinhoadas com as qualidades para exercer e porque os demais as qualificam para que a Geografia Urbana produzida seja um *vir-a-ser*.

Prof. Dr. Carlos Augusto Amorim Cardoso

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A série Território Científico

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SertãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume *Diálogos sobre a Ditadura*, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série *Território Científico* chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais ligados ao Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe). Eis a obra *“Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”*.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.

Passados alguns meses da realização das entrevistas, finalmente a pandemia dá mostras de arrefecimento. O isolamento que tanto nos custou, começa a dar lugar a reencontros presenciais e estas entrevistas, mais do que um relato de experiências de pesquisa, passam a compor um registro histórico de como a crise sanitária afetou toda a nossa sociedade.

Se a produção científica segue sendo alvo de constantes ataques e aqueles que se dedicam a ela ainda são encarados quase como inimigos do Estado, é mais do que pertinente, mas necessário que todos aqueles

que acreditam na educação, na ciência, no conhecimento se unam e abracem projetos que busquem aproximar essa produção e o público em geral.

Mais um livro se junta à nossa série, nos deixando ainda mais orgulhosos e empenhados em nossa defesa incondicional da ciência.

Que venham os próximos volumes!

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Marco Antônio Machado

Coordenadores da Série Território Científico

Apresentação

O livro *“Trajetórias de Pesquisadores e os Estudos das Cidades Médias em Perspectiva”* é resultado das atividades do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas. O Grupo se formou no contexto da pandemia da Covid-19, no ano de 2020, quando colegas que já desenvolviam estudos ou orientavam temas nessas escalas de cidades, participantes do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB), do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), decidiram manter o vínculo com alunos e professores de diferentes instituições de forma interativa, utilizando o *Google meet* para viabilizar o diálogo.

Nesse momento sendo também fundamental que se mantivessem ativas as conversas iniciadas no Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe), em dezembro de 2019, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e que seriam alinhadas em um evento em Sobral, programado para a última semana de maio de 2020, que contaria com a presença pesquisadores da ReCiMe em mesas redondas, conferências, trabalho de campo e reuniões de trabalho com o grupo do LEURB.

Da conjugação dessas necessidades, planejamos apresentar aos nossos alunos o pensamento de pesquisadores amplamente reconhecidos pelos estudos das cidades médias brasileiras, a aproximação indo das leituras de suas publicações, aos diálogos profícuos amparados nas trajetórias destes pesquisadores. Nesse sentido, somos gratos aos professores convidados que, embora envolvidos em muitas atividades, atenderam ao nosso convite e aceitaram participar das conversas em forma de entrevistas e a organização destas para publicação em e-book, numa linguagem coloquial pela espontaneidade das falas, permitindo que outros interessados tenham

acesso aos depoimentos tão inspiradores e carregados muitas vezes de uma mistura de razão e emoção.

Nessa toada, buscamos a valorosa adesão da ReCiMe, em conversas com o professor William Ribeiro da Silva e com a professora Doralice Sátyro Maia que, além do acolhimento à nossa ideia, participaram como entrevistados. Os demais colaboradores entrevistados foram: Maria Encarnação Beltrão Sposito, Rita de Cássia da Conceição Gomes, Zenilde Baima Amora, Antônio Cardoso Façanha, Wagner Vinicius Amorim, Beatriz Ribeiro Soares, Maria José Martinelli Silva Calixto e Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior. Tivemos também a alegria de contar com o querido Professor Carlos Augusto Amorim Cardoso que nos honrou com o prefácio dessa obra.

A atividade contou com o apoio da *Editora SertãoCult*, que incentivou as gravações das entrevistas dentro do projeto *Território Científico*, que ofereceu suporte a outras publicações no mesmo formato, no âmbito das Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) no ano de 2020, com publicações no formato e-book e possibilidade de acesso impresso atendida por demanda.

Por fim, consideramos que a experiência em mobilizar tantos pesquisadores que estudam diferentes cidades médias no território brasileiro foi exitosa. Mas também por conseguimos ampliar os horizontes dos nossos estudantes e contribuímos com a formação universitária e fortalecimento do conhecimento acadêmico num ano tão atípico. Por isso estamos felizes e gratos!

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Organizadores

Sumário

Doi: 10.35260/67960890p.16-57.2022

Dialogando, pensando e aprendendo com a trajetória de uma pesquisadora.....16

Prof.^a Maria Encarnação Beltrão Sposito
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.58-74.2022

Os desafios da formação e atuação de uma pesquisadora.....58

Prof.^a Rita de Cássia da Conceição Gomes
Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Doi: 10.35260/67960890p.76-99.2022

Experiências acadêmicas e de pesquisa sobre as cidades médias cearenses.....76

Prof.^a Zenilde Baima Amora
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.100-113.2022

Levantando problemáticas de pesquisa: um convite para pensar a cidade e o urbano no Nordeste brasileiro.....100

Prof. Antônio Cardoso Façanha
Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.114-130.2022

Os caminhos da formação e da pesquisa, tecendo uma trajetória.....114

Prof. Wagner Vinicius Amorim
Prof.^a Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.132-146.2022

Dividindo as múltiplas experiências de pesquisa e planejamento em cidades mineiras.....132

Prof.^a Beatriz Ribeiro Soares
Prof. Antônio Cardoso Façanha

Doi: 10.35260/67960890p.148-179.2022

**Desafios, práticas e saberes sobre as cidades médias:
um olhar a partir de Mato Grosso do Sul.....148**

Prof.^a Maria José Martinelli Silva Calixto

Prof.^a Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.180-199.2022

**Sobre escolhas e construção de caminhos, aprendendo com uma
narrativa singular.....180**

Prof.^a Doralice Sátyro Maia

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.200-229.2022

**Aprendendo sobre as cidades médias e pequenas da Amazônia
brasileira.....200**

Prof. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.230-255.2022

Um panorama dos estudos das cidades médias em debate.....230

Prof. William Ribeiro da Silva

Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Índice remissivo.....257

Doi: 10.35260/67960890p.114-130.2022



Wagner Vinicius Amorim é graduado em Geografia - Licenciatura Plena (2007) e Bacharelado (2008) -, com Especialização em Ensino de Geografia (2008) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); Mestre em Geografia (2011) pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) Júlio de Mesquita Filho, campus de Presidente Prudente/SP; Doutor em Geografia (2015) pela mesma universidade. Professor Adjunto dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (ProP-Geo) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Desenvolve e orienta pesquisas na área de Geografia Urbana, na perspectiva da produção do espaço urbano e especificamente voltadas aos temas da segregação e fragmentação socioespacial, habitação, mercado imobiliário, planejamento urbano e cidades médias.

Os caminhos da formação e da pesquisa, tecendo um trajetória!¹

Prof. Wagner Vinicius Amorim²

Prof.^a Glauciana Alves Teles

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves (UVA): É uma alegria termos esses reencontros. O professor Wagner Amorim certamente nos ajudará a ver a diversidade que temos no campo de estudo das cidades médias. Nesse sentido, pergunto se a trajetória do pesquisador, a construção do jovem doutor tem uma diferença geracional, isto é, como os jovens doutores se adaptam a essa nova realidade de produção científica?

Prof. Wagner Vinicius Amorim (UECE): Cumprimento a todas e todos que estão virtualmente presentes e agradeço imensamente pelo convite para participar como entrevistado neste projeto. Eu ingressei no curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL) no ano de 2003. Como a maioria daqui sabe, foi um momento em que a universidade pública brasileira usufruiu de uma conjuntura nunca antes vista na história do país. Eu sou filho desse período, eu sou filho dessa conjuntura histórica, pois venho de escola pública, fui morador de conjunto habitacional de periferia. Em algumas ocasiões na minha infância, como morador de periferia, tive a experiência de ver o asfalto chegar, de ver as plantações de soja e café no perímetro urbano cederem espaço aos novos loteamentos.

Desde adolescente, tive interesse pela Geografia, em particular, e pelas humanidades e pelas cidades, de um modo mais geral. Em um momento

1 Entrevista realizada via *Google meet* em 10 de julho de 2020.

2 Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

da minha adolescência, eu tive vontade de ser pedreiro, ou ser mestre de obras, mas, então, a vida me levou a entender como a cidade é produzida, e não necessariamente para produzi-la do ponto de vista material e literalmente concreto. Essa conjuntura política e macroeconômica nacional da primeira década do presente século proporcionou-me a oportunidade de fazer um curso de graduação em Universidade pública como bolsista. Fui bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET), tutorado pela professora Alice Yatiyo Asari, na Universidade Estadual de Londrina e, após a graduação, fiz uma Especialização em Ensino de Geografia e tive uma breve atuação na rede pública e na rede particular de ensino. Um ano depois do término do curso de graduação, ingressei no mestrado no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente (UNESP) e, após o término do mestrado, passei na seleção para o doutorado. Fui aquele tipo de “estudante profissional”, bolsista do terceiro ano do curso de Geografia até o pós-doutorado.

Como fui “estudante profissional”, chegar na universidade como professor adjunto sem experiência profissional docente no Ensino Superior me colocou frente a um desafio muito grande, sobretudo porque fui “deteritorializado” do Sul-Sudeste para o Nordeste, e isso também em termos empíricos no campo de pesquisa, pois, ao me mudar para o estado do Ceará, no Nordeste do Brasil, passo a atuar agora como professor e pesquisador bem longe da minha terra natal. Tentei fazer um sobrevoo sobre a questão colocada pelo professor Luiz Antônio e, em resumo, afirmo que sou filho desse momento de bolsas de estudos e fomento à pesquisa no país, de muitos projetos de pesquisa, de recursos, de editais, de programas de cooperação acadêmica e até minha vinda para o Ceará tem muito a ver com isso, tem muito a ver com as cidades médias. Então avalio que essa conjuntura toda me impingiu uma certa aceleração do ponto de vista profissional e da pesquisa.

Prof. Luiz Antônio: Eu penso que é exatamente nesse contexto, mas ele te trouxe ao Ceará em que condições e em que cenário? Essa trajetória de estar na Universidade, perfilar grupos como bolsista, vivenciar a universidade de uma forma mais intensa foi mais fácil ou foi mais difícil?

Prof. Wagner: Agora vou procurar falar um pouco mais pormenorizada-mente sobre a minha trajetória de 2003 até 2020. As cidades médias têm

muito a ver com a minha trajetória pessoal, pois sou nascido e criado em uma cidade média, Londrina (PR) e, por ser morador de periferia, morador de conjunto habitacional, por essa convivência com as problemáticas socioespaciais urbanas e esse gosto pelas humanidades e dificuldade com as exatas (risos), a Geografia sempre me atraiu desde o ensino médio. Desde o início da minha graduação, eu tive clareza com relação à trajetória acadêmica que desejava, pois almejei desde cedo me tornar um professor universitário. Quando a gente está no começo do curso e a gente fala isso, algumas pessoas acham graça da gente, não “botam fé”. Permanecer na universidade de manhã, tarde e noite, de segunda à sexta, respirar a universidade nos anima para almejar isso.

Quando conheci o livro *Cidades médias: espaços em transição*³, como eu já estudava produção do espaço urbano, mercado imobiliário, valorização do solo urbano, conjuntos habitacionais na Zona Leste de Londrina, vislumbrei a possibilidade de tentar o processo seletivo no PPGG da UNESP de Presidente Prudente, pois, nesse momento, eu estava finalizando o meu Trabalho de Conclusão de Curso e concluindo a minha Especialização em Ensino de Geografia, e tive uma atuação rápida, de mais ou menos um ano, na rede de escola pública e na rede privada de Ensino Fundamental II. Enfim, depois de um período bastante turbulento – entre 2007 e 2008 – dando aulas e escrevendo duas monografias, fui para a UNESP de Presidente Prudente, fazer o mestrado sob a orientação da professora Maria Encarnação Beltrão Sposito e, em seguida, o doutorado e um breve pós-doutorado.

Fiz parte do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) e também da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe). Essa participação no grupo e na rede tem tudo a ver com essa minha vinda gradativa para o Ceará, pois fui colocado em contato com pessoas daqui de Fortaleza por meio do Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD), coordenado pelas professoras Maria Encarnação Beltrão Sposito, Beatriz Ribeiro Soares, Doralice Sátyro Maia e Denise Elias. Assim, fui convidado para participar de uma missão de estudos desse programa, por meio do qual os docentes e discentes de um programa de pós-graduação em Geografia faziam missões de estudo/pesquisa em outros programas. No meu caso, na condição de discente, fui um dos alunos seleciona-

3 SPOSITO, M. E. B. *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

dos e fui para a Universidade Federal de Uberlândia, onde fiquei por uns 50 dias. Já a minha esposa, Edna Maria Jucá Couto, na época, mestranda em Geografia pela UECE e orientada pela professora Denise Elias, foi uma das discentes que foi para a UNESP de Presidente Prudente, onde permaneceu por um semestre, quando nos conhecemos, e aí, de certa maneira, ela me atraiu para Fortaleza e para a UECE – coincidentemente o nome do edital era “Chamada CAPES/CNPq PROCAD-CASADINHO”.

No ano em que concluí o doutorado em Geografia na UNESP de Presidente Prudente (2015), eu prestei o concurso para professor efetivo na UECE e é aí que entra a ideia de “desterritorialização”. Na medida em que nasci em uma cidade média, fiz pós-graduação em uma cidade média, realizei um estágio sanduíche em Lleida, uma cidade média na Catalunha (Espanha), e vim atuar profissionalmente em uma metrópole! Em Lleida tive uma experiência muito importante de oito meses, como bolsista CAPES, durante o estágio sanduíche, junto à Universidade de Lleida e à Cátedra UNESCO de *Ciudades Intermedias-Urbanización y Desarrollo*. Desse modo, as cidades médias sempre atravessaram a minha trajetória, pois, chegando ao Ceará foi onde, “teoricamente”, eu posso dizer que me senti desterritorializado.

Porém, novamente “a cidade média me atraiu”, justamente ao estabelecer contato com todos vocês de Sobral. Atualmente, estou como professor da disciplina de Geografia Urbana, e o principal trabalho de campo da disciplina ocorre em Sobral, e também faço parte do Projeto Temático FAPESP “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos e formas”, que a professora Maria Encarnação Beltrão Sposito coordena. Nesse projeto, eu componho a equipe que está responsável pela cidade de Mossoró, outra cidade média. Como estudo o mercado imobiliário há alguns anos e sabemos que se trata de um tema de investigação em que geralmente se digitam muitos dados, lhes conto que, na minha tese, coletei, compilei, analisei e processei mais de 25 mil anúncios imobiliários, e justa e infelizmente por isso um dia escutei em um evento que eu era um “mero digitador de dados”. Todavia, eu respiro cidades médias desde quando eu nasci e pesquisá-las é algo intrínseco à minha pessoa. Estou em Fortaleza, na UECE, mas com o interesse de pesquisa voltado especificamente para as cidades médias, mais exatamente Mossoró/RN e Sobral/CE. Desse modo, agora me encontro estudando duas cidades médias de uma

outra formação socioespacial, diferente das que eu estudei anteriormente no norte do Paraná: Londrina e Maringá.

Prof. Luiz Antônio: O fato de ter uma formação em uma instituição tão voltada aos estudos das cidades médias permitiu uma outra visão de mundo, diferente, portanto, do que é estar no espaço metropolitano e olhar os espaços metropolitanos. Isso ajudou ou não nessa trajetória e nessas escolhas?

Prof. Wagner: Sim, de fato contribuiu bastante, pois eu penso que a experiência urbana com a cidade média, ou com a metrópole, seja no tocante à mobilidade cotidiana, às práticas espaciais, aos nossos deslocamentos e percursos de um modo geral, imprimem diferenças no sujeito.

Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda (UVA): Fale um pouco sobre os desafios dos estudos sobre mercado imobiliário nas cidades médias.

Prof. Wagner: Quero deixar bem claro que eu não estudo o mercado imobiliário por ele mesmo. Na verdade, são as muitas variáveis e dinâmicas do mercado imobiliário, variáveis atinentes aos preços dos imóveis, da terra, imprescindíveis sobretudo para nós pesquisadores que ainda acreditamos na importância da renda da terra, a qual é uma parte da teoria do valor, pois é nesse sentido que digo que estudo o mercado imobiliário. Hoje em dia nós temos um grande obstáculo para estudar dinâmicas imobiliárias, pois os anúncios atuais não estão mais impressos em jornais ou em cadernos específicos. Eles estão nos aplicativos e, por essa razão, os levantamentos que objetivam analisar a recente dinâmica imobiliária ou evolução dos preços têm que ser constantes e ininterruptos, junto aos aplicativos e aos sites de venda de imóveis, que raramente mantêm históricos e dados antigos hospedados para consulta posterior.

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes (UVA): Sobre o processo de urbanização a partir da cidade média, qual a importância dessa temática para a Geografia e para outras áreas afins? A segunda questão é, o senhor comentou da sua experiência na ReCiMe, rede que estuda a cidade média com uma metodologia já definida para esse tipo de estudo. Eu queria que o senhor tocasse um pouco na importância desse tipo de metodologia e no desenvolvimento dos estudos das cidades médias.

Prof. Wagner: Com relação às cidades médias como objeto de estudo, eu não vou me alongar muito nisso, pois este ponto já foi objeto de diálogo.

go na ocasião da participação dos outros pesquisadores. Compreendo a importância de estudarmos as cidades médias, buscando sempre contribuir para o avanço do conceito, buscando contribuir no sentido de estudos comparativos. As cidades médias são objetos interessantes de pesquisa, estendem pontes disciplinares com outras áreas do saber, tais como o Urbanismo, a Sociologia Urbana, a História, a Economia Urbana e Regional, dentre várias outras áreas.

Vou encaminhar a resposta à pergunta contextualizando o ambiente de pesquisa no PPGG da UNESP, considerando a influência que, sobre mim, exerceram meus orientadores, a professora Maria Encarnação Beltrão Sposito e o professor Everaldo Santos Melazzo. Em sua pesquisa de mestrado em Geografia, a professora Maria Encarnação estudou a produção de espaço urbano, a horizontalização e os loteamentos em Presidente Prudente. Já o professor Everaldo Melazzo, no seu mestrado em Planejamento Urbano e Regional, estudou as dinâmicas imobiliárias na cidade média de Presidente Prudente. Nesse sentido, quando eu cheguei no PPGG da UNESP no ano de 2008, eu já me deparei com um grupo de pesquisa consolidado, com procedimentos analíticos já em andamento, com bancos de dados e séries históricas que estavam, naquele momento, em construção no que diz respeito, principalmente, aos estudos do mercado imobiliário e aos estudos comparativos de cidades médias, ademais das publicações da ReCiMe que pude conhecer antes de ingressar no mestrado. Então, nesse sentido metodológico e dos procedimentos analíticos eu não inventei nada, eu apenas adotei alguns procedimentos que vieram a calhar com a pesquisa que eu queria desenvolver.

Prof.^a Glauciana Alves Teles (JVA): O que você aconselharia para um pesquisador iniciante nesse campo de estudos, diante de toda essa dinâmica do que é pesquisar? Do que é

Compreendo a importância de estudarmos as cidades médias, buscando sempre contribuir para o avanço do conceito, buscando contribuir no sentido de estudos comparativos. As cidades médias são objetos interessantes de pesquisa, estendem pontes disciplinares com outras áreas do saber, tais como o Urbanismo, a Sociologia Urbana, a História, a Economia Urbana e Regional, dentre várias outras áreas.

acompanhar essas mudanças empíricas, das estatísticas e das formas de pesquisar?

Prof. Wagner: Primeiramente a gente tem que manter os vínculos acadêmicos, as redes, as *networks* e, nesse sentido, eu valorizo a pesquisa coletiva e até faço uma autocrítica quando eu me senti desterritorializado e cheguei na UECE em 2016, e tive um pouco de dificuldade para saber para que lado ir, para que grupo caminhar, para que laboratório bater à porta. Essa angústia terminou quando fui recebido de braços abertos no Laboratório de Estudos Urbanos e da Cidade (LEURC) pela professora Zenilde Baima Amora e companhia, onde estou desde 2018. Nesse sentido, a vivência em laboratório é extremamente importante para nossa pesquisa, pois ela é muito compartilhada e coletiva. É verdade que a leitura, o ato de se debruçar nos livros, nos clássicos – e o pessoal mais novo parece que a cada dia valoriza menos isso – é um ato solitário. Vejamos: nos trancamos em um quarto ou procuramos algum canto silencioso na biblioteca para encarar um calhamaço e, por isso digo que esse ato é um pouco solitário. Mas esse ato solitário se torna mais solidário quando passamos para um segundo ato, na medida em que acontece o debate coletivo das ideias e das leituras.

A minha experiência de graduação foi interdisciplinar e foi dividida no famoso tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão, portanto, foi de fato na pós-graduação – mestrado e doutorado – que eu mergulhei na pesquisa e passei a viver grande parte do meu tempo acadêmico dentro de um laboratório, dentro do grupo de pesquisa. Nesse sentido, a manutenção dessa rede de relações da pesquisa em Geografia Urbana, sobretudo nós que pesquisamos cidades, que as compreendemos nas suas respectivas redes urbanas, buscando apreendê-las nas suas múltiplas escalas, é imprescindível. E eu

E verdade que a leitura, o ato de se debruçar nos livros, nos clássicos – e o pessoal mais novo parece que a cada dia valoriza menos isso – é um ato solitário. Vejamos: nos trancamos em um quarto ou procuramos algum canto silencioso na biblioteca para encarar um calhamaço e, por isso digo que esse ato é um pouco solitário. Mas esse ato solitário se torna mais solidário quando passamos para um segundo ato, na medida em que acontece o debate coletivo das ideias e das leituras.

não vejo outra saída senão essa pesquisa reticular, essa pesquisa coletiva, construída em rede, e digo isso me referindo tanto às microrredes, mais locais – e aqui no meu caso, por exemplo, em Fortaleza, nós temos essa possibilidade a partir da inter-relação entre diferentes grupos de pesquisas da UECE, UFC –, como às redes regionais ou nacionais, inseridas em outras escalas. Compreendo a grande importância desses vínculos para o estudante ou pesquisador, enfim, para aquele que quer, deseja e almeja manter esses vínculos férteis e ativos.

Francisco Samuel Gomes de Araújo (MAG/UVA): Como afirma Henri Lefebvre, as cidades não surgem do nada, elas perpassam por todo um processo de produção do espaço. Eu consigo encontrar quais processos dentro de uma cidade pequena?

Prof. Wagner: O processo de produção do espaço se faz presente nas múltiplas escalas do espaço urbano, e eu entendo que desde a grande metrópole ao centro local nós podemos investigar dinâmicas da produção do espaço urbano. É certo que algumas dinâmicas, algumas variáveis, alguns processos, algumas lógicas e estratégias espaciais estarão mais ou menos colocados nesta ou naquela escala de análise. Talvez, algumas lógicas da produção do espaço estejam ausentes nas cidades pequenas, por exemplo, o processo de segregação socioespacial pode ser uma preocupação minoritária em cidades pequenas, ou, diferentemente, podemos encontrar loteamentos fechados em cidades pequenas e considerarmos esse fato um absurdo para aquela realidade urbana. Mas, percebam, são diferentes intensidades dos processos espaciais, mas aí reproduzidos porque a cidade é capitalista, reproduzidos em diferentes escalas porque a urbanização é capitalista, ocorra na grande cidade, na cidade média ou na cidade pequena. Então, com certeza, esse é o processo geral, é a porta de entrada,

é o processo de produção do espaço.

O processo de produção do espaço se faz presente nas múltiplas escalas do espaço urbano, e eu entendo que desde a grande metrópole ao centro local nós podemos investigar dinâmicas da produção do espaço urbano.

Prof. Antônio Cardoso Façanha (UFPI): Professor Wagner, eu queria que você comentasse se, no seu cotidiano de trabalho, você identifica, nos jovens pes-

quisadores, pressa para produção do conhecimento e uma certa acomodação na busca de referências.

Prof. Wagner: Eu me deparo com esse problema junto aos meus orientandos, pois há uma pressa neles, o que é também um problema da pesquisa na contemporaneidade, da aceleração contemporânea, a pressa em fazer a pesquisa, pois a pesquisa já é colocada como fim, e não como um processo de produção intelectual do pesquisador ou da pesquisadora. Há uma certa falta de disposição para ler os clássicos ou mesmo para ler livros na íntegra e nós, orientadores, temos dificuldades em criar um convencimento de que os livros têm que ser lidos na íntegra, pois há muitos jovens estudantes que acham que estamos na era dos artigos e que não há mais tempo para lermos livros acadêmicos em sua totalidade e, por esse entendimento, decidem fundamentar suas pesquisas apenas em artigos, não se dispendo a investirem seu tempo na leitura de livros de 300, 400 ou 500 páginas. São dilemas com os quais nos deparamos com muita frequência. Eu afirmo ser um dilema justamente porque eu tenho uma certa dificuldade em lidar com esse problema.

Tenho muito gosto em facilitar a vida dos meus orientandos. Por exemplo, eu tenho tudo dentro do meu computador em biblioteca virtual – na “nuvem” –, e eu me contenho para não compartilhar todo o material bibliográfico organizado segundo a necessidade daquela pesquisa em desenvolvimento pelo estudante, separado por “pastinhas”, pois sei que o ato de pesquisar tem que ser construído pela pessoa. O ato de pesquisar é uma construção pessoal e eu me contenho, às vezes, para não compartilhar tudo prontamente. O desejo é de facilitar tudo, entregar tudo de “mão beijada”, mas daí eu me lembro quando eu era estudante de graduação e separava algumas tardes para ir até a Biblioteca Central da UEL, pegar um caderninho de anotações ou uma agendinha e sentar em um daqueles banquinhos em frente à seção onde ficavam os periódicos de Geografia, ocasiões, inclusive, em que tive contato com a Revista da Casa da Geografia de Sobral, isso por volta do ano de 2005⁴, e me punha a imaginar como seria essa tal “Casa da Geografia de Sobral”.

4 Nesse mesmo ano fui aluno do professor William Ribeiro da Silva, na disciplina de Geografia Urbana. A ele sou grato por sua atenção, generosidade e por despertar em mim, por meio de suas dedicadas aulas e intensos trabalhos de campo, o interesse pelo estudo da cidade e do urbano.

Prof.^a Rita de Cássia da Conceição Gomes (UFRN): Boa tarde! Prazer, professor Wagner! Eu queria que você discutisse um pouquinho mais sobre a expansão imobiliária e a própria segregação nas cidades médias, pois a gente tem observado que a política habitacional, inclusive a do Programa Minha Casa Minha Vida, foi um fator de expansão das cidades, inclusive segmentando as cidades, pois há cidades em que as casas foram construídas a 2 quilômetros do centro da cidade. No Brasil, já se tem a cultura da produção das cidades dispersas, e não cidades compactas, e a gente sabe dos prejuízos dessa dispersão, pois cria problemas que a gestão pública não dá conta de resolver.

Prof. Wagner: Eu vou tentar responder, mas não vai ser fácil. A professora Rita colocou muito bem: *“nós tínhamos uma política habitacional no Brasil”*, que era o Programa Minha Casa Minha Vida que, apesar dos acertos, repetiu alguns erros do passado, em alguns casos sim, em outros não. Eu cresci em um conjunto habitacional da COHAB e morei aproximadamente uns 10 anos nesse conjunto habitacional, localizado na periferia socioespacial da Zona Leste de Londrina, então, nesse sentido, posso afirmar que “senti na pele” o que era ser um cidadão segregado, morar longe, viver com as roupas encardidas porque não tinha asfalto, e lá é uma região de predomínio da popularmente chamada “terra roxa”. Quando chove, faz barro. Sei que isso não chega nem perto do preconceito racial, mas, no sentido espacial, o cidadão sofre preconceito por ser considerado um morador da periferia.

Pois bem, décadas depois da experiência da era BNH⁵, vimos um novo programa habitacional surgir nesse país, o Programa Minha Casa Minha Vida e, sobretudo no que toca ao exemplo dos grandes empreendimentos residenciais, dos grandes conjuntos habitacionais, eles impactam a cidade aprofundando a segregação socioespacial. É sabido que em algum momento algumas cidades brasileiras tinham o maior empreendimento do PMCMV. Houve um ano que Londrina deteve o maior empreendimento do Programa, um empreendimento com milhares de unidades, com mais de 10 mil pessoas morando lá, e eu tive a oportunidade de visitá-lo com frequência, um empreendimento que estava em descontinuidade territorial urbana com o último bairro, com o último loteamento. Esse aspecto que a

5 Banco Nacional da Habitação.

professora Rita de Cássia colocou, a gente estuda, a gente analisa, porém, o cidadão o “vive na pele”, todos os dias. Eu me lembro de uma ocasião em que as crianças daquele conjunto, o Residencial Vista Bela, não tinham ônibus escolar, não tinham escola no bairro e elas não tinham ônibus para ir até a escola onde deveriam estudar e, de uma maneira muito ágil, centenas de crianças fecharam a rua com alguns pneus queimados ou alguma coisa assim, e aquela manifestação se transformou em um grande ato e saiu na mídia local. Na época, esse foi um dos exemplos que me marcou bastante, pois reflete a segregação e a fragmentação socioespacial. Como vocês bem sabem, com relação a este último tema de investigação mais recente, pois trata-se de um processo socioespacial mais aprofundado que o de segregação e parte-se do pressuposto de que o urbano, de que a cidade e seu sentido são tecidos não só no plano formal, mas no plano das práticas sociais, encontram-se fragmentados. A vida encontra-se ocorrendo cotidianamente em fragmentos de realidade e quando consideramos um sujeito que, por exemplo, mora em um Alphaville, estuda na melhor escola, frequenta os melhores locais de consumo cultural ou um shopping center específico para sua classe social, compreendemos aí a ideia de fragmento. Os fragmentos, nesse sentido, seriam desconexos ou muito pouco conexos, e isso me intriga ao estudar tal temática em Mossoró ou em Sobral, porque, às vezes, as distâncias no plano geométrico não são tão grandes nestas duas cidades, havendo entre espaços tão desiguais apenas poucos quilômetros de distância física, mas, no plano social, no plano do cotidiano, no plano das práticas espaciais, a ideia de distância é profunda, é abissal!

Em Mossoró, chama-me bastante atenção um fato: os pesquisadores daquela cidade afirmam o seguinte: “*há muita terra urbana ainda em Mossoró*” e, por isso, os patamares de preços da terra ainda não alcançaram amplitudes ao ponto de aumentar as distâncias no plano geométrico do modo como, por exemplo, pude constatar em Londrina, onde espaços da/ em fragmentação estão espalhados em quadrantes diferentes da cidade, distantes entre si. A modo de metáfora espacial, eu trabalhava com a ideia de que divisão social do espaço em Londrina se parecia com uma pizza, sendo um quarto de cada sabor, um quarto de cada segmento socioeconômico, enfim, especialmente bem específicos, bem desiguais. Então, nesse sentido e para concluir, vimos o Programa Minha Casa Minha Vida, em alguns casos, reiterando e aprofundando a segregação socioespacial, sobre-

tudo porque o grande canteiro de obras, o grande empreendimento é mais rentável para as grandes empresas construtoras, as quais historicamente trouxeram dos espaços metropolitanos os seus expedientes de construção: o grande conjunto habitacional.

Prof. Heronilson Pinto Freire (UERN): Boa tarde, professor Wagner! Eu tenho muita curiosidade nessa questão do mercado imobiliário, pois é um tema muito rico, um tema difícil de estudar e considero que exige muita dedicação, não só pela compreensão teórica, mas também empírica, pois capturar os movimentos do mercado imobiliário é muito complexo. E, por ter vivenciado tanto em Sobral, onde morei por um tempo, como em Mossoró, onde morei mais recentemente, gostaria que você tentasse fazer esse comparativo de mercado imobiliário de Sobral e Mossoró. Eu queria que você abordasse o processo de verticalização porque, na época em que eu morei em Sobral, em 2010, o discurso era que Sobral não se verticalizava, Sobral não tinha padrões de construções de edifícios, predominava muito mais uma expansão imobiliária horizontal, já em Mossoró a gente vê uma verticalização muito presente, por exemplo, quando você chega pela BR 304, seja vindo de Natal ou Fortaleza, você já consegue perceber muito fortemente a presença de prédios, e o processo de fragmentação socioespacial.

Prof. Wagner: Considerando minha experiência recente a partir do Projeto Temático FragUrb e os procedimentos e elementos a partir dos quais podemos analisar a fragmentação socioespacial, vou responder pela perspectiva dos percursos urbanos: a partir dos relatos das colaboradoras da pesquisa, buscamos compreender quais são os seus percursos. Quais são os seus ritmos. Quais são os seus locais e seus lugares na cidade. Como elas vivenciam a cidade no plano do consumo, no plano do lazer, no plano do trabalho e, assim, a partir da Frente Metodológica “Percurso urbanos e suas representações”, nós buscamos compreender a fragmentação socioespacial. Somente por meio da análise das variáveis socioeconômicas, de preços dos imóveis etc. não podemos analisar a fragmentação socioespacial e, por isso, adentramos no plano dos percursos urbanos, das práticas espaciais cotidianas. Atualmente, a equipe que compõe essa frente metodológica da qual participo vem trabalhando no desenvolvimento de um aplicativo para a pessoa preencher ao longo do seu percurso urbano, casa/trabalho, casa/espço público etc. Há ainda uma planilha na qual a colaboradora registra suas atividades diárias, justamente para que possa-

mos apreender, a partir dos seus percursos, as suas práticas espaciais cotidianas. Observar o aprofundamento da fragmentação socioespacial mediante estas práticas espaciais ou percursos urbanos depende da experiência urbana dessa pessoa. Por exemplo, caso se trate de um morador de um loteamento fechado de alta renda, certamente haverá uma influência cotidiana no tocante ao processo de fragmentação socioespacial, e, a partir da análise das práticas espaciais, procuramos compreender a fragmentação socioespacial, pois o processo de fragmentação socioespacial é mais “profundo” que o de segregação, pois ele invade ainda mais o plano do cotidiano e do vivido.

Quanto à questão da verticalização, eu tenho poucos elementos para lhe responder, justamente porque a minha pesquisa é direcionada para outra perspectiva, a da “horizontalização” do habitat, para os elementos que incidem na expansão territorial urbana, sobretudo considerando os loteamentos, a valorização da terra urbana e os espaços horizontais fechados, na perspectiva de Sposito e Góes⁶. O processo de verticalização sempre foi um tema que passou um pouco longe dos meus projetos de pesquisa e, por isso, tenho um certo desconforto em abordar essa parte da questão. Eu não acho que Mossoró seja tão verticalizada, mas eu não posso responder à pergunta com um “eu acho”, pois preciso estudar o processo, constatar, analisar, mapear, refletir etc. para, enfim, arriscar-me a fazer alguma afirmação.

Prof.^a Zenilde Baima Amora (UECE): Wagner, é sempre um prazer ouvir você. Somos muito próximos e fazemos parte do mesmo laboratório, mas eu queria ressaltar uma qualidade sua, entre tantas: você tem uma capacidade de trabalho incrível. A gente fala em alguma coisa e você vai buscar a bibliografia, você tenta conhecer a fundo para depois voltar e conversar, e isso é uma coisa que é do pesquisador, e você é um pesquisador nato nessa busca constante. Registro minha admiração pelo pesquisador que você é. Queria sua opinião sobre a importância da mobilidade dos pesquisadores entre as regiões brasileiras, por exemplo, isso para mim é uma riqueza muito grande e trouxe realmente uma outra lógica ao trabalho universitário, e isso é muito comum em outros países, porém, no Brasil, é uma coisa recente.

6 SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão & GÓES, Eda Maria. *Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação social*. 1. Ed., São Paulo: Editora Unesp, 2013.

Prof. Wagner: Eu me interessei pela perspectiva de compreender o Brasil através da categoria de formação socioespacial de Milton Santos, mas passando pelo Roberto Lobato Corrêa, o qual trabalha com uma ideia de três formações socioespaciais, em um capítulo do livro “*Estudos sobre a rede urbana*”⁷. Nesse sentido, reside um grande desafio, e a mobilidade tem seus aspectos muito bons, muito positivos, muito bonitos, mas muito desafiadores, porque daí a Geografia tem que colocar em perspectiva, ao meu ver, as distintas formações socioespaciais. Por exemplo, eu tenho que passar a compreender a cidade média no semiárido nordestino, passar a compreender as cidades médias do Ceará. São desafios que a mobilidade nos traz.

Eu passei pouco tempo fora do país, mas o suficiente para perceber que a mobilidade acadêmica nos países europeus é imensa. Na Universidade de Lleida, por exemplo, havia muitos estudantes de diferentes nacionalidades, pessoas de diferentes continentes. Lá a mobilidade acadêmica é uma realidade muito comum, tanto entre os estudantes, como entre os professores-pesquisadores. Tive uma oportunidade muito rica na pesquisa sobre as cidades médias junto à Cátedra UNESCO de *Ciudades Intermedias-Urbanización y Desarrollo*, coordenada pelos pesquisadores Josep Maria Llop-Torné e Carmen Bellet Sanfeliu, e nessa ocasião convivi no dia-a-dia da Universidade com alguns pesquisadores de outros países, gente que estava pesquisando cidades médias na Europa e na África, por exemplo⁸. Foi maravilhoso ir à Lleida, pois é uma cidade que marca realmente a pessoa que se interessa pelas cidades médias, principalmente por conta de sua compactidade.

Lleida é uma cidade muito compacta, cuja área central e adjacências são possíveis de serem percorridas a pé sem grandes esforços. Existe um sistema muito integrado de calçadas – *peatonalización* – e a densidade urbana é fantástica, pois, durante as décadas de expansão territorial urbana, o poder público local freou a retenção especulativa de certas áreas não ocupadas da cidade, desacelerando a expansão territorial dispersa, garantindo uma expansão territorial urbana controlada em etapas.

7 CORRÊA, Roberto Lobato. *Estudos Sobre a Rede Urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

8 Na condição de estudante de doutorado, integrei a equipe do “*Proyecto de mejora de las capacidades institucionales en gestión del desarrollo y consolidación, de Autoridades Locales y redes de Autoridades Locales de Brasil y Mozambique, como actores de cooperación descentralizada*”, do qual participava o pesquisador Josep Maria Llop-Torné.

Prof.^a Glauciana: Quais perspectivas futuras você apontaria na sua área de atuação sobre os estudos das cidades médias, mercado imobiliário, segregação socioespacial e fragmentação socioespacial?

Prof. Wagner: Essa pergunta não é fácil. Essa é aquela “bomba que é solta no colo da pessoa”, mas é uma pergunta maravilhosa, pois é do rol de perguntas que nos levam a refletir a respeito do nosso objeto de pesquisa como agenda de pesquisa no horizonte. Responder a essa pergunta nesse contexto pandêmico está muito complicado, muito nebuloso, pois “não sabemos para onde vamos”, mas eu tenho a impressão que ficar parado não é uma opção, não é uma saída. Segundo David Harvey, em entrevista publicada em maio do ano passado⁹, a pandemia expôs os muros invisíveis erguidos pelo capitalismo nas grandes cidades. Embora ele fale a partir de Nova York, trata-se de um processo que nós já conhecemos muito bem, a realidade desses muros invisíveis, os quais, no nosso caso, são muito visíveis!

No Brasil temos ainda uma conjuntura política particular, uma “tragédia política” e, no que se refere à produção material da cidade, vemos um setor da construção civil tentando voltar à dinâmica na qual esteve antes. Por exemplo, nos trabalhos de campo em Mossoró conversamos com um importante empreendedor local, membro da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), que se lamentava pela situação dramática que o setor enfrenta, referindo-se a alguns disparates do Ministério da Economia para este setor. Enfim, eu tenho a impressão que atravessamos um difícil e longo momento de inflexão em várias “curvas estatísticas”: de preço dos imóveis, de número de unidades habitacionais etc. e isso se deve justamente porque estamos sem nenhuma política habitacional, pois, no momento, não há política habitacional alguma, e eu estou suspeitando que, talvez, o Brasil esteja vivendo seu momento mais “federativo” desde 1988, por que os estados e os municípios estão lidando “na linha de frente” com várias questões com relação às quais em outros momentos houve uma certa disposição por parte do Governo Federal para enfrentá-las. E, nesse sentido, parece-me que daqui para frente vamos nos deparar com um “novo ciclo” da produção do espaço urbano, considerando o mercado imobiliário. Por isso, estudar a cidade é muito importante, analisar os contextos locais e a

9 A política anticapitalista na época da COVID-19. Artigo de David Harvey. *Revista IHU online*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597468-a-politica-anticapitalista-na-epoca-da-covid-19-artigo-de-david-harvey>.

Enfim, eu tenho a impressão que atravessamos um difícil e longo momento de inflexão em várias “curvas estatísticas”: de preço dos imóveis, de número de unidades habitacionais etc. e isso se deve justamente porque estamos sem nenhuma política habitacional, pois, no momento, não há política habitacional alguma, e eu estou suspeitando que, talvez, o Brasil esteja vivendo seu momento mais “federativo” desde 1988, por que os estados e os municípios estão lidando “na linha de frente” com várias questões com relação às quais em outros momentos houve uma certa disposição por parte do Governo Federal para enfrentá-las.

provocado bons ânimos para a pesquisa, pois temos que continuar descortinando e revelando as contradições da realidade. A nossa intenção é continuar fazendo o que a Geografia de melhor pode fazer para as cidades e os cidadãos, e acredito que nós temos um desafio imenso, que é o de comunicar isso para fora da universidade. Parabenizo pela criatividade, pelo encontro e agradeço pelo convite.

atuação do poder público e das elites locais sempre foi e continua sendo muito importante.

Prof.^a Glauciana: Há muitos enigmas no futuro para desvendarmos com relação às temáticas urbanas, tais como o mercado imobiliário, o comércio, a indústria, os fluxos etc. Caminhando para o encerramento, mais uma vez agradecemos ao professor Wagner Amorim pela sua disponibilidade, pois foi um diálogo bastante profícuo e fluído transformado em entrevista.

Prof. Wagner: Eu agradeço imensamente pelo convite, pois me sinto bastante honrado e feliz por essa oportunidade. Espero manter os laços de pesquisa e fico na torcida para ter



Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 262 páginas e em e-book formato pdf.

Impressão e acabamento:

Abril de 2022.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da Ser-tãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume Diálogos sobre a Ditadura, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série Território Científico chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais na sua maioria da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) que participaram do Grupo de Estudos - Abordagens teóricas e metodológicas nos estudos das cidades médias e pequenas, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - GEPPUR e o Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais - LEURB/UVA no ano de 2020. Eis a obra “Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.



ISBN 978-856796088-3



9

788567

960883